

Maria Madalena

Mary of Magdala

*Gilvan Leite de Araújo**

Resumo: Maria Madalena pertence ao imaginário popular e tem servido de inspiração para romances, pinturas entre tantos outros. Habitualmente é concebida como uma prostituta que teria se arrependido e lavado os pés de Jesus. Sabe-se que foi a primeira pessoa a ver o Ressuscitado segundo as narrativas evangélicas. No Quarto Evangelho, é apresentada nas narrativas da paixão e da ressurreição. Mas quem, de fato, é esta extraordinária mulher na ótica joanina? Este estudo busca, passando pelos Evangelhos Sinóticos, situar Maria Madalena no Quarto Evangelho e, assim, fornecer melhor compreensão dessa intrigante mulher.

Palavras-chave: Maria Madalena; Quarto Evangelho; Ressurreição

Abstract: Mary of Magdala belongs to the popular imagination and has served as inspiration for novels, paintings among so many others. It is usually conceived as a prostitute who would have repented and washed the feet of Jesus. It is known that he was the first person to see the Risen One according to the evangelical narratives. In the Fourth Gospel is presented in the narratives of passion and resurrection. But who in fact is this extraordinary woman in the Johannine view? This study searches through the Synoptic Gospels to locate Mary Magdalene in the Fourth Gospel and thus provide a better understanding of this intriguing woman.

Keywords: Mary of Magdala; Fourth Gospel; Resurrection

* Doutor em Teologia Bíblica pelo Angelicum de Roma. Assistente Doutor do Departamento de Teologia Fundamental da PUC-SP. E-mail: glaraujo@puccsp.br.

Introdução

No Quarto Evangelho, Maria Madalena aparece consecutivamente nas narrativas da paixão e da ressurreição de Jesus Cristo. O evangelho não apresenta maiores informações sobre a sua pessoa, a não ser que está junto à cruz e junto ao sepulcro.

Na história do cristianismo, Maria Madalena será apresentada de forma completamente arbitrária em relação aos textos evangélicos. Isso ocorre devido principalmente a tentativas de aproximação de personagens correlatas, mas totalmente diferentes. Para início de conversa, Maria Madalena nunca foi prostituta e nunca lavou os pés de Jesus. Nesse sentido, a ideia popular de “Madalena arrependida” é totalmente equivocada.

Os textos apócrifos tentam delineá-la como uma amante de Jesus, para justificar teologias heterodoxas, o que aguçou a curiosidade de romancistas e especuladores.

Do que foi exposto até aqui, portanto, surge a questão: quem é, de fato, Maria Madalena?

A primeira referência sobre Maria está no nome, ou seja, de “Magdala”. Sobre essa região, as fontes rabínicas indicam um lugar chamado “*migdal*” e as expressões “*migdal nūmayyā*” (= torre dos peixes [cf. bPes 46a]) e “*migdal sabbāyyā*” (torre dos tintureiros). As duas expressões indicam lugares distintos, possivelmente na mesma região. Em todo caso, segundo Reisner¹, o lugar era situado ao norte de Tiberíades, aproximadamente a cinco quilômetros, nas margens meridionais do lago de Genesaré. A região será palco de intensas batalhas durante a Guerra dos Macabeus (cf. 1Mc 9,2) e será fortificada por Flávio Josefo durante a Primeira Guerra Judaica (70 d.C.). Segundo ainda Flávio Josefo, Magdala possuía uma frota de 230 pequenos barcos de pesca (cf. BelJud 2,635). Os Evangelhos descrevem Jesus presente nessa região após a segunda

¹ Cf. REINAER, R. Magdala. In: *Enciclopedia Illustrata della Bibbia*. Torino: Piemme, 1997. v. 2, p. 293.

multiplicação dos pães (cf. Mt 15,32-39; Mc 8,1-10)². Mateus designa a região com o nome de “*Magadã*”, enquanto se refere a uma região chamada de “*Dalmanuta*”, o que permanece uma incógnita este último.

Em todo caso, é totalmente desconhecido o lugar no qual Jesus veio a conhecer Maria Madalena.

Efetivamente a primeira informação sobre Maria Madalena, durante a atividade pública de Jesus, é proveniente do Evangelho de Lucas.

Maria Madalena nos Sinóticos

Maria Madalena aparece nas narrativas dos quatro evangelhos:

Mateus	Marcos	Lucas
Junto à Cruz		
27,55-56.61	15,40.47	23,49.55-56
Muitas mulheres Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago e José Mãe dos filhos de Zebedeu (vv. 55-56) Maria Madalena Outra Maria (v. 61)	Mulheres Maria de Madalena Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de José Salomé Muitas outras [mulheres] (v.40) Maria Madalena Maria, mãe de José (v. 47)	Mulheres da Galileia
No Sepulcro/Ressurreição		
28,1-10	16,1-8.9-11	24,1-11
Maria Outra Maria	Maria de Magdala e Maria, mãe de Tiago e Salomé	Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago e outras mulheres

² Cf. REINAER, R. Magdala. In: *Enciclopedia Illustrata della Bibbia*. Torino: Piemme, 1997. v. 2, pp. 293-294.

Mateus

Sobre Maria Madalena, o evangelista Mateus a descreve junto com outras mulheres que olhavam de longe. A descrição mateana das mulheres é feita logo após a morte de Jesus. O grupo é formado por Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. Outra informação dada por Mateus é que esse grupo de mulheres acompanhavam Jesus desde a Galileia, servindo-o (cf. Mt 27,55-56).

Na narrativa mateana, após o sepultamento de Jesus, realizada por “um homem rico de Arimatéia, chamado José”, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, permaneceram sentadas em frente ao túmulo (cf. Mt 27,61).

Mateus prossegue, narrando que, após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, as duas Marias se dirigem novamente ao túmulo, as quais são surpreendidas por um terremoto, causado pela descida do anjo, que remove a pedra e senta-se sobre ela. Após isso, o anjo passa a anunciar a ressurreição. Elas correm para anunciar aos discípulos, mas, antes disto, Jesus aparece às duas, que se prostram diante dele, abraçando os seus pés. Imediatamente, Jesus pede a elas que anunciem aos discípulos para o encontrarem na Galileia (cf. Mt 28,1-10).

A narrativa mateana apresenta Maria Madalena como uma seguidora de Jesus, proveniente da Galileia, que o auxilia e que, após a morte de Jesus, apenas permanece com Maria, mãe de Tiago, diante da sepultura. Após a ressurreição, Mateus informa que Ela e a outra Maria se prostram diante de Jesus, agarrando os seus pés e, posteriormente, anunciam aos discípulos a ressurreição.

Marcos

A narrativa da paixão de Marcos descreve a presença de mulheres que haviam seguido Jesus desde a Galileia, após a sua morte, olhando de longe. O grupo é formado por Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de José, e Salomé e outras mulheres (cf. Mc 15,40-41). Em seguida, a narrativa

marcana descreve a presença de Maria Madalena e Maria, mãe de José, que observam o lugar onde Jesus foi sepultado (cf. Mt 15,47).

Maria Madalena reaparece novamente na narrativa da ressurreição, junto com Maria, mãe de Tiago, e Salomé, comprando aromas, após o sábado, no primeiro dia da semana, de madrugada, ao nascer do sol, para ungir o corpo de Jesus (cf. Mc 16,1-2). A preocupação do grupo enquanto se dirige ao túmulo é sobre quem rolará a pedra para que elas possam ungir o corpo de Jesus. Chegando, encontram a pedra removida e, entrando, encontram apenas um jovem sentado à direita, vestido de túnica branca, que lhes anunciam que elas se dirijam aos discípulos para anunciarem a ressurreição de Jesus. Contudo, elas fogem apavoradas e não contam nada a ninguém (cf. Mc 16,1-8).

A narrativa marcana prossegue, informando que Maria Madalena foi a primeira a ver o ressuscitado. Ela, imediatamente, vai anunciar aos que acompanharam Jesus, mas esses não acreditam nela (cf. Mc 16,9-11). Nessa narrativa, Marcos especifica, sobre Maria Madalena, que Jesus havia expulsado sete demônios dela (cf. Mc 16,9). Nenhuma outra informação é dada sobre Maria Madalena.

No Evangelho de Marcos, Maria Madalena é apenas descrita como uma das mulheres que seguiam Jesus desde a Galileia, que fora exorcizada e que foi a primeira a ver o ressuscitado.

Lucas

Lucas menciona Maria Madalena pela primeira vez no capítulo oitavo. No capítulo anterior, o evangelista mencionara certa pecadora convertida (cf. Lc 7,36-50), que, posteriormente, servirá de base para autores estabelecerem equivocado contato com Maria Madalena. Entretanto a narrativa lucana afirma o seguinte:

Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os Doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e

doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens (Lc 8,1-3).

Sobre o grupo de mulheres listado por Lucas, é dito que elas haviam sido curadas e/ou exorcizadas. Não existe absolutamente nenhuma informação sobre uma pecadora ou adúltera ou prostituta arrependida. O que Lucas afirma é cura e exorcismo. Além dessa informação, é digno de nota observar que essas mulheres dão suporte à Jesus e ao Grupo dos Doze, financiando a atividade missionária desses. Levando em consideração essa informação lucana, pode-se pressupor que Maria Madalena, como as demais mulheres do grupo, possuíam recursos financeiros. Efetivamente, sobre Maria Madalena, Lucas informa que ela fora exorcizada por Jesus, da qual saiu sete demônios. O fato dela ser possessa não a identifica e nem a qualifica para o epíteto de prostituta. Portanto, em Lucas, tal ideia não pode ser aplicada a Maria Madalena.

A narrativa lucana da paixão não descreve a presença de mulheres junto à cruz, mas apenas que um grupo de mulheres, vindo da Galileia e seguindo Jesus, acompanharam o sepultamento e retornaram para preparar aromas, enquanto observavam o repouso sabático (cf. Lc 23,55-56). A narrativa prossegue, informando que, no primeiro dia da semana, muito cedo, foram ao túmulo levando os aromas. Encontrando a pedra do túmulo removida e entrando, deparam-se com dois homens com vestes fulgurantes. Diante da visão, elas se prostram com o rosto por terra. Os dois homens imediatamente passam a anunciar a ressurreição de Jesus, e elas retornam para contar aos apóstolos. A narrativa se conclui com o evangelista nomeando as mulheres em questão, ou seja, Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago, e outra mulheres (cf. 24,1-11).

Na narrativa lucana da paixão e ressurreição, o evangelista descreve que, entre outras mulheres, Maria Madalena apenas ajuda a preparar aromas para ungir o corpo de Jesus, após ter acompanhado o seu sepultamento. Após a ressurreição, vê os homens com vestes fulgurantes que anunciam o evento da ressurreição.

Como observado, na narrativa lucana, não existe nenhuma outra descrição sobre Maria Madalena, a não ser que fora exorcizada, que ajudava financeiramente Jesus e o Grupo dos Doze, que esteve presente durante o sepultamento e que ajudou a preparar aromas para ungir o corpo de Jesus.

Síntese das Narrativas Sinóticas sobre Maria Madalena

Maria Madalena é apresentada nos Sinóticos como uma seguidora de Jesus proveniente da Galileia, que fora exorcizada por ele, expulsando sete demônios (cf. Mc 16,9; Lc 8,1). Ela é sempre apresentada como parte de um grupo de mulheres que ajudavam Jesus com os seus bens (cf. Lc 8,1-3) e como a primeira a ver o ressuscitado. Além disso, a expressão Madalena a designa como originária da região de Magdala.

Nos sinóticos, durante a crucificação de Jesus, os textos narram um grupo de mulheres que observam de longe e são descritas após a morte de Jesus.³ As mulheres descritas diferem entre Mateus e Marcos. Além disso, nos Sinóticos, elas não desempenham nenhum papel, apenas observam, de longe, chorando. No dia da ressurreição, dirigem-se ao túmulo para ungir o corpo de Jesus com aromas (Marcos e Lucas) ou chorar luto (Mateus).

Maria Madalena no Quarto Evangelho

No Quarto Evangelho, Maria Madalena surge pela primeira vez na narrativa da paixão (cf. Jo 19,25). A narrativa da ressurreição dedica dois momentos para ela (cf. Jo 20,1-2.11-18). Enquanto, na narrativa da paixão, Maria Madalena não desempenha nenhuma função a não ser de estar junto dos demais membros do grupo diante da cruz, ela será, na narrativa da ressurreição, a primeira a evidenciar o sepulcro vazio e a ver o ressuscitado.

³ Cf. ZUMSTEIN, J. *Il Vangelo secondo Giovanni*. Torino: Claudiana 2017. vol. 2: 13,1-21-25, p. 895-896.

Narrativa da Paixão

Os quatro evangelhos são concordes em evidenciar a presença de mulheres durante a crucificação de Jesus. Contudo, a descrição das mulheres diverge entre eles e a localização dessas difere entre os Sinóticos e o Quarto Evangelho.

Como evidenciado anteriormente, nos Sinóticos, Mateus apresenta os seguinte grupo de mulheres: Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago e José, e a Mãe dos filhos de Zebedeu e muitas mulheres; e no Evangelho de Marcos o seguinte: Maria de Madalena, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de José, e Salomé [algumas mulheres]. Por sua vez, o Quarto Evangelho apresenta as seguintes mulheres: a mãe de Jesus, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clópas, e Maria Madalena. Leva-se em conta que Lucas omite a presença das mulheres junto à cruz, apenas informa que algumas mulheres foram ao túmulo logo após o sepultamento.

Mateus (27,55-56.61)	Marcos (15,40.47)	João (19,25)
Muitas mulheres Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago e José Mãe dos filhos de Zebedeu (vv. 55-56)	Mulheres Maria de Madalena Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de José Salomé Muitas outras [mulheres] (v.40)	Mãe [de Jesus] irmã de sua mãe, Maria mulher de Clopas Maria Madalena
Maria Madalena Outra Maria (v. 61)	Maria Madalena Maria, mãe de José (v. 47)	

Comparando as narrativas da cruz dos quatro Evangelhos, evidencia-se a descrição da presença de mulheres, com exceção de Lucas. Nos Sinóticos, estão diante da cruz e, no Quarto Evangelho, junto a ela. Comum a Mateus, Marcos e João, é a presença de Maria Madalena. Contudo, em João, é descrito também a presença do Discípulo Amado.

A descrição dos personagens junto à cruz, na narrativa do Quarto Evangelho, possui clara intenção teológica por parte do hagiógrafo. Na realidade, o foco recai sobre as figuras da Mãe de Jesus e do Discípulo Amado. Os demais personagens não exercem nenhuma função na narrativa. No geral, os autores acreditam que a descrição dos personagens, quatro ao todo, está em relação à narrativa anterior, no qual são descritos os quatro soldados que sorteiam o manto de Jesus (cf. Jo 19,23-24).

Narrativa da Ressurreição

As quatro narrativas da ressurreição de Jesus Cristo descrevem, de forma distintas, a ida de mulheres ao sepulcro no primeiro dia da semana (cf. Mc 16,1-4; Mt 28,1-3; Lc 24,1-3; Jo 20,1-2). Contudo, as figuras variam de evangelho para evangelho:

No Sepulcro/Ressurreição			
Mateus	Marcos	Lucas	João
Maria Madalena Outra Maria	Maria de Madalena Maria, mãe de Tiago Salomé	Maria Madalena, Joana Maria, mãe de Tiago Outras mulheres	Maria Madalena

Comum as narrativas Sinóticas, é a figura de Maria Madalena. Quanto às demais mulheres, existem divergências. Nesse sentido, nas quatro narrativas da ressurreição de Jesus, Maria Madalena é figura comum. Contudo, na narrativa joanina, ela é descrita indo ao túmulo sozinha e sem alguma função específica (também em Mateus), ao passo que, em Marcos e Lucas, as mulheres se dirigem ao túmulo com a função de ungir o corpo de

Jesus. Ainda diferindo dos Sinóticos, Maria Madalena vai ao sepulcro quando ainda está escuro e não no raiar do dia.⁴

A narrativa da ressurreição de Jesus no Quarto Evangelho assume contornos diferentes da narrativa sinótica. A descrição começa com Maria Madalena que se dirige ao túmulo no primeiro dia da semana, quando ainda estava escuro e sozinha. Vê que a pedra que fechava o túmulo fora removida e corre para contar aos discípulos (cf. Jo 20,1-2). Nenhum motivo é dado para o fato da sua ida ao túmulo, como na narrativa de Mateus. Tendo contado o fato aos discípulos, os versículos três ao dez focam sobre a atitude de Pedro e do Discípulo Amado, que correm ao sepulcro, entram e observam os panos de linho por terra e o sudário, dobrado e deixado em um lugar à parte (cf. Jo 20,3-10).

A narrativa joanina retorna para a figura de Maria Madalena, que agora reaparece sentada junto ao túmulo e se volta para observa o interior desse, quando vê dois anjos, sentados um à cabeceira e outro aos pés do lugar onde fora posto o corpo de Jesus, os quais indagam sobre o motivo do seu pranto.

Jesus entra em cena, estabelecendo um novo diálogo e interrompendo o diálogo de Maria com os anjos. A primeira reação de Maria Madalena é identificar o Ressuscitado com o jardineiro. Jesus a interrompe, pronunciando o seu nome. Ela imediatamente o reconhece, chamando-o de “meu mestre” (Rabbuni). Jesus termina o diálogo com Maria Madalena, proferindo duas ordens:

1. Não tocar;
2. Ir anunciar aos seus irmãos que ele sobe ao Pai (cf. Jo 20,11-18).

A ordem de Jesus para não o tocar parece inapropriada, pois a cena não descreve nenhuma tentativa de Maria Madalena de realizar tal ato. Além disso, na narrativa da paixão, Jesus havia designado a sua mãe como mãe do Discípulo Amado (cf. Jo 19,25-27). Agora, no diálogo com Maria Madalena, chama os discípulos de “irmãos” e Deus de “seu Pai e Pai dos mesmos”. Nesse sentido, Maria Madalena é configurada, na narrativa joanina, como irmã dos discípulos de Jesus e filha de Deus, por causa da fé.

⁴ Cf. ZUMSTEIN, *Il Vangelo secondo Giovanni*. Vol. 2: 13,1-21-25. p. 924.

Maria Madalena no Quarto Evangelho

Segundo Schackenburg⁵, a narrativa da ressurreição, em João (20,1-18), apresenta duplicações e desequilíbrios, bem como problemas de tradição. No que diz respeito aos desequilíbrios internos da narrativa, Schnackenburg evidencia que: a) no v. 2, Maria anuncia aos discípulos a notícia do sepulcro vazio e, no v. 11, encontra-se novamente lá. Onde esteve entre os v. 3 e 10?; b) os dois discípulos, durante a inspeção do sepulcro veem apenas dois panos de linho (v. 5-7); Maria vê dois anjos (v. 12). Como explicar o disparate?; c) a fé do discípulo amado (v. 8) não tem nenhuma implicação no restante da narrativa. Outras desarmonias aparecem na narrativa: a) no v. 1, Maria Madalena vai sozinha ao sepulcro, mas no v. 2 fala na primeira pessoa do plural; b) a função dos anjos não é clara na narrativa, parecem figuras desnecessárias; c) a dupla pergunta “por que choras?” feita pelos anjos e por Jesus é estranha; a expressão dirigida por Jesus a Maria Madalena para não tocá-lo é inoportuna, pois não existe nenhuma descrição de que Maria queira fazê-lo⁶. Por outro lado, Schnackenburg evidencia, por meio da crítica da tradição, algumas similaridades da narrativa joanina com as sinóticas: a) visita de mulheres ao túmulo; b) discípulos inspecionam o sepulcro; c) aparição de anjos; d) Jesus fala com Maria Madalena; e) missão das mulheres de anunciar aos discípulos.⁷

Na primeira narrativa, a ação de Maria Madalena é descrita a partir de cinco verbos. Os dois primeiros descrevem a chegada e os outros três, a reação diante do túmulo vazio.⁸

Diante da realidade do túmulo vazio, Maria Madalena se apresenta confusa e considera a possibilidade de que o corpo tenha sido removido. Aqui surge um problema, levando-se em consideração de que a sexta e o sábado que antecedem o primeiro dia eram, para os judeus, solenidade pascal. Na narrativa

⁵ Cf. SCHNACKENBURG, R. *Il Vangelo di Giovanni*. Brescia: Paideia Editrice 1981. vol. 3, p. 493

⁶ Cf. *Ibidem*, p. 494-495.

⁷ Cf. *Ibidem*. p. 495.

⁸ Cf. BEUTLER, J. *Evangelho de João*: comentário. São Paulo: Loyola. 2016. p. 452.

joanina, como explicar que alguém tenha realizado uma atividade durante *shabbat* e, ainda, festivo, a não ser que se considere que um não judeu tenha removido o corpo, o que não parece ser o caso? A narrativa não descreve que Maria Madalena tenha entrado no túmulo vazio, apenas nota a pedra removida e a ausência do corpo de Jesus.

Sobre a presença de anjos no túmulo, Léon-Dofour⁹ sugere aproximação com a Arca da Aliança, que é descrita tendo dois querubins um em cada ponto da Arca (cf. Ex 25,17-22; 1Rs 6,23-28; Hb 9,5).

No livro de Êxodo, ao descrever a confecção da Arca da Aliança, Iahweh ordena que seja construída uma arca de madeira da acácia, revestida em ouro, com quatro argolas, nos quais passariam duas hastes para o seu transporte. Sobre a arca, existia uma placa de ouro denominada propiciatório. Nesse, era aspergido o sangue do sacrifício durante o ritual de *Yom Kippur* e, nas laterais da Arca, eram previstos dois querubins que estendiam suas asas para o centro da arca cujas pontas se encontravam. Os querubins formavam, na realidade, o trono de Deus que repousava seus pés sobre a arca, cuja função era de escabelo. O modelo adotado em Êxodo era dos tronos reais, tendo, aos pés do rei, o escabelo no qual eram arquivados os principais documentos do estado.

Farás uma arca de madeira de acácia com dois côvados e meio de comprimento, um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura. Tu a cobrirás de ouro puro por dentro e por fora, e farás sobre ela uma moldura de ouro ao redor. Fundirás para ela quatro argolas de ouro, que porás nos quatro cantos inferiores da área: Farás também varais de madeira de acácia, e os cobrirás de ouro. E enfiarás os varais nas argolas aos lados da arca, para ser carregada por meio deles. Os varais ficarão nas argolas da arca, não serão tirados dela. E colocarás na arca o Testemunho que te darei. Farás também um propiciatório de ouro puro, com dois côvados e meio de comprimento e um côvado e meio de largura. Farás dois querubins de ouro, de ouro batido os farás, nas duas extremidades do propiciatório; faze-me

⁹ Cf. LÉON-DOFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18-21*. Salamanca: Editora Sigueme, 2001. vol. IV, p. 179.

um dos querubins numa extremidade e o outro na outra: farás os querubins formando um só corpo com o propiciatório, nas duas extremidades. Os querubins terão as asas estendidas para cima e protegerão o propiciatório com suas asas, um voltado para o outro. As faces dos querubins estarão voltadas para o propiciatório. Porás o propiciatório em cima da arca; e dentro dela porás o Testemunho que te darei. Ali virei a ti, e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel. (Ex 25,10-22)

Além dessas ordens dadas a Moisés pelo próprio Iahweh, outra narrativa deixa transparecer a mesma ideia, ou seja, a narrativa da construção do Templo de Jerusalém, descrito no Primeiro Livro dos Reis.

No *Debir*, ele fez dois querubins de oliveira selvagem... Ele tinha dez côvados de altura. Uma asa do querubim tinha cinco côvados e a outra asa do querubim também tinha cinco côvados, ou seja, de uma extremidade à outra das asas havia a distância de dez côvados. O segundo querubim tinha também dez côvados; ambos os querubins tinham a mesma dimensão e o mesmo formato. A altura de um querubim era de dez côvados, e essa também era a altura do outro. Colocou os querubins no meio da sala interior; tinham as asas estendidas, de sorte que a asa de um tocava uma parede e a asa do outro tocava a outra parede e suas asas se tocavam uma na outra, no meio da sala. Revestiu de ouro os querubins. (1Rs 6,23-28)

A novidade aqui é a expressiva medida dos querubins, que, agora, rodeiam a Arca da Aliança. A mesma ideia persiste. Enquanto os querubins formam o trono divino, a Arca serve de escabelo, no qual Iahweh apoia os pés.

Os estudiosos tendem a ver essa ideia na presença de dois anjos, nas extremidades do sepulcro de Jesus, um junto a cabeça e outro junto aos pés. Tomando por base tal ideia, o túmulo teria servido para guardar Jesus, o *Logos*, caminho, verdade e vida. Partindo desse pressuposto, a função dos anjos, na narrativa da ressurreição joanina, é teológica. Eles evocam os querubins da

tenda/templo que serviam de trono para Iahweh.¹⁰ Assim como o Templo de Jerusalém não é capaz de conter Iahweh, o sepulcro não será capaz de conter Jesus (cf. 1Rs 8,27).

Partindo desta hipótese, poder-se-ia aproximar a ideia de que a Arca conteria a Lei, ao passo que o sepulcro conteria a nova Lei, na pessoa de Jesus, o *Logos* encarnado. Tal aproximação seria possível a partir do enunciado de Jesus, no Quarto Evangelho, de ser “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), evocando o conceito de *halakah*, presente principalmente nos salmos 1 e 119. Em todo caso, fora tal pressuposto, os dois anjos, na narrativa joanina, não desempenham absolutamente nenhuma função, a não ser a de indagar sobre o motivo do pranto de Maria Madalena.

Na sequencia da narrativa, enquanto os anjos indagam o motivo do pranto de Maria Madalena e a resposta de que o corpo de Jesus fora levado desconhecendo o seu paradeiro, entra em cena o próprio Jesus.

Maria está curvada, olhando para dentro do túmulo e conversando com os anjos, quando Jesus surge diante dela, perguntando também o motivo do pranto e o que ela está procurando. Maria se volta para Jesus confundindo-o com o jardineiro. Contudo, quando seu nome é pronunciado, vem imediatamente o reconhecimento da pessoa de Jesus. Maria se dirige à ele chamando-o de “meu mestre” (cf. Jo 20,11-18).

Na narrativa do chamado dos primeiros discípulos, o ato de se voltar é de Jesus (cf. Jo 1,38) e, na narrativa da ressurreição, é de Maria Madalena. Outra distinção entre as duas narrativas está no teor da pergunta dos discípulos e de Maria Madalena.

Discípulos: ποῦ μένεις; (literalmente: onde permaneces?)

Maria Madalena: ποῦ ἔθηκας αὐτόν; (onde o pussestes?)

No geral, a tradução da narrativa dos discípulos é “onde moras?”, mas, dentro da perspectiva teológica do Quarto Evangelho, tal tradução fica inadequada, pois o verbo μένω, nesse evangelho, assume um significado

¹⁰ Cf. ZUMSTEIN, Il Vangelo secondo Giovanni. Vol. 2: 13,1-21-25. p. 931.

eclesial. A pergunta dos discípulos possui um significado de seguimento, enquanto que, na pergunta de Maria Madalena, existe a preocupação de recuperar um corpo removido. Assim, ela quer recuperar o corpo para realocá-lo onde se encontrava anteriormente, ou seja, no túmulo, e ali permanecer. Tal intenção de Maria Madalena se confirma na continuidade da sua fala: “eu o irei buscar” (v. 15). Na concepção de Maria Madalena, o corpo de Jesus foi subtraído. O seu desejo é de realocá-lo onde se encontrava antes. Além disso, para Maria Madalena, a pessoa que se apresenta diante dela é um jardineiro. Em nenhum outro lugar da Bíblia, aparece a expressão “jardineiro”. Nesse sentido, a compreensão se torna vaga. De imediato, pode-se pressupor apenas uma confusão de identidade. Uma possível solução se encontra no fato de que o túmulo no qual Jesus foi sepultado era novo e se encontrava em um jardim, e o corpo foi colocado ali pois existia pressa para o sepultamento, tendo em vista que os judeus estavam nos preparativos para a Páscoa. Nesse sentido, para Maria Madalena, o fato do sepultamento, realizado as pressas por fatores externos, teria levado um jardineiro a realocá-lo para outro lugar adequado. Essa é uma possibilidade. Em todo caso, como descrito acima, para Maria Madalena, Jesus se encontra morto e a única referência para ela, agora, são um túmulo e um corpo, para onde ela possa se dirigir para chorar.

Toda a perspectiva muda quando Jesus a chama pelo nome. Na narrativa do Bom Pastor, esse chama as ovelhas pelo nome e essas a seguem porque conhecem a voz do pastor (cf. Jo 10,1-4). Além disso, nessa narrativa, o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas (cf. Jo 10,14-15). O chamar pelo nome estabelece, no Quarto Evangelho, proximidade e conhecimento.

Outro elemento de destaque é a expressão “mulher”. No Quarto Evangelho, não possui sentido pejorativo como alguns autores tentam delinear, na realidade faz parte do contexto teológico desse Evangelho. A expressão é aplicada à mãe de Jesus, à mulher Samaritana, à Mulher Adúltera e, agora, a Maria Madalena. O autor joga com as expressões “homem” e “mulher”, vinculando, algumas vezes, o nome da pessoa, outras vezes não. A chave de compreensão está, possivelmente, em uma das linhas teológicas que cruzam o Quarto Evangelho, ou seja, a teologia da criação, onde são descritas

a criação e a queda do homem e da mulher, criados por Deus. A ressurreição, no Quarto Evangelho, perpassa a ideia da nova criação, no qual o homem e a mulher são recriados. Algumas expressões deixam transparecer isso.

Na pergunta de Jesus, aparece o verbo “procurar” (...que procuras [ζητέω]), que é recorrente no Quarto Evangelho. De fato, das cento e dezessete recorrências, trinta e quatro estão nesse evangelho, na maioria das vezes acompanhado do pronome τίς (quem, porque...). Por sua vez, o verbo “chorar” (κλάω) recorre oito vezes.

O verbo procurar aparece, pela primeira vez, na narrativa da vocação dos primeiros discípulos (cf. Jo 1,35-51). Nessa, os dois primeiros discípulos, sendo um deles André, irmão de Simão Pedro, enviados por João Batista, vão ao encontro de Jesus. Na narrativa, Jesus se volta e pergunta o que procuram, seguido da resposta dos discípulos, chamando Jesus de “Mestre” (Rabi):

ῥαββί, ὃ λέγεται μεθερμηνευόμενον διδάσκαλε, ποῦ μένεις; (Rabi, que quer dizer, Mestre: 1,38)

λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς· Μαριάμ. στραφείσα ἐκείνη λέγει αὐτῷ Ἑβραϊστί· ραββουνι (ὃ λέγεται διδάσκαλε). (disse-lhe Jesus: “Maria”. Ela, voltando-se, diz em hebraico: Rabbuni [o que significa mestre]: 20,16).

A expressão “*a quem procurais?*” novamente reaparece na narrativa da prisão de Jesus, quando ele se dirige a Judas Iscariotes e ao grupo destacado para o prender (cf. Jo 18,4.7). Leva-se em conta que a narrativa também acontece no jardim, ou seja, entre as narrativas da paixão e da ressurreição, encontram-se a imagem do jardim e a expressão “*a quem procurais?*”. Isso estabelece contato entre as duas narrativas. Segundo Simoens¹¹, a imagem do jardineiro, na narrativa da ressurreição, evoca a imagem de Deus caminhando pelo jardim (cf. Gn 3,8).

Deve-se notar que a expressão Rabbuni significa literalmente “meu mestre” e, não, apenas mestre, como sugere o hagiógrafo, traduzindo para o grego apenas como διδάσκαλε, ou seja, mestre, que seria, no caso, rabi, como

¹¹ Cf. SIMOENS, Y. *Évangile selon Jean*. Paris: Éditions Faculté Jésumites de Paris. 2016. p. 427.

se verifica em Jo 1,38. O sentido do uso das expressões “procurar” e “rabi/mestre” está na própria missão de Jesus, ou seja, esse veio para “explicar quem é o Pai: *o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer* (Jo 1,18). O verbo utilizado por João é ἐξηγήσατο [ἐξηγέομαι] com o significado de *guiar, conduzir, revelar, explicar*. Nesse sentido, Jesus veio revelar e explicar quem é o Pai, assumindo, portanto, a missão de mestre, aquele que perscruta e revela as Escrituras. Diante disso, pode-se evidenciar que, para os discípulos, ao início da missão, e para Maria Madalena, agora na ressurreição, Jesus é aquele que “ensina” quem é o Pai. Para Simoens¹², o título de mestre utilizado pelos discípulos e por Maria Madalena aplicado a Jesus estabelece uma relação de mestre-discípulo. No Quarto Evangelho, a expressão “mestre” também é aplicada por Nicodemos a Jesus, evidenciando os sinais que esse realizava (cf. Jo 3,2).¹³

Jesus conclui o diálogo com Maria Madalena, proferindo duas ordens:

1) Não me toques; 2) vai dizer aos meu irmão que subo para o vosso Pai.

Para alguns autores, a expressão “não me seques” pronunciada por Jesus está em relação com a narrativa de Mt 28,9, na qual Maria Madalena e a outra Maria se prostram e abraçam os pés do ressuscitado. Mas, tal hipótese, baseado na Crítica da Tradição, não se sustenta diante da teologia joanina. Segundo Beutler¹⁴, a afirmação de Jesus se baseia na prescrição do Livro dos Números que distingue entre o sagrado e o profano. Na prescrição, Iahweh proíbe que o profano se aproxime do sagrado sob pena capital (cf. Nm 3,10; 17,28). Por outro lado, na sequência joanina da narrativa da ressurreição, ocorrerá o encontro entre Jesus e Tomé. Nesse caso, o discípulo é convidado a tocar no ressuscitado por causa da sua incredulidade (cf. Jo 20,26-28).¹⁵

¹² Cf. *Ibidem*, p. 427.

¹³ Cf. *Ibidem*, p. 427.

¹⁴ Cf. BEUTLER, Evangelho segundo João, p. 455.

¹⁵ Cf. BARRET, CK. *El Evangelio según san Juan*. Madrid: Ediciones Criañad, 2003. p. 424.

Tomando como base a narrativa do encontro de Jesus com Tomé, o teor do tocar e não tocar estaria no tema da fé.¹⁶

Outros autores sugerem que a ordem para não tocar dada por Jesus em João está em relação com a narrativa do Cântico dos Cânticos, em que é narrada a amada que ronda a cidade em busca do amado¹⁷:

Em meu leito, pela noite, procurei o amado da minha alma. Procurei-o e não o encontrei! Vou levantar-me, vou rondar pela cidade, pelas ruas, pelas praças, procurando o amado da minha alma. Procurei-o e não o encontrei! Encontraram-me os guardas que rondavam a cidade: Vistes o amado da minha alma? Passando por eles, contudo, encontrei o amado da minha alma. Agarrei-o e não vou soltá-lo, até levá-lo à casa da minha mãe (Cc 3,1-4).

A narrativa de Cânticos é sugestiva, pois descreve a amada em busca do amado até encontrá-lo. Agarrando-o, condu-lo a casa da sua mãe. Na narrativa joanina, Maria não sai em busca, apenas chora e lamenta o fato do corpo de Jesus ter sido levado e, após o encontro com Jesus, esse ordena para não tocá-lo. Apesar de suscitar a possibilidade de aproximação entre as duas narrativas, torna-se difícil explicar qual teria sido a intenção por parte do hagiógrafo.

A narrativa do encontro de Jesus com Maria Madalena no sepulcro termina com a segunda ordem, ou seja, ir anunciar aos “irmãos” que ele sobe ao Pai, e ela vai anunciar aos discípulos (cf. Jo 20,17-18). O diálogo de Jesus se conclui com o tema da filiação divina, que percorrerá todo o evangelho. O tema tinha iniciado com o Prólogo, prefigurado na imagem da “mãe” nas narrativas das Bodas de Caná (cf.2,1-12) e diante da cruz (cf. 19,25-27), agora é claramente expresso por ele. Jesus não somente explica quem é o Pai, por meio de suas “obras”, mas, pelo tema da fé, vincula aqueles que creem a essa filiação. Por outro lado, aqueles que não creem nas “obras realizadas” não se tornam filhos de Deus, mas do diabo (cf. Jo 8,44-47).

¹⁶ Cf. SIMOENS, *Évangile selon Jean*, p. 424.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 457.

Maria Madalena e a figura da prostituta arrependida

Maria Madalena entrou para a cultura popular como uma pecadora arrependida. Tal aproximação, realizado por Gregório Magno¹⁸, ocorre ao se confundir a pecadora arrependida do capítulo sete de Lucas com as mulheres curadas por Jesus descritas no capítulo oito. Segundo Smalley¹⁹, não existe nenhuma possibilidade de vincular a pecadora descrita no capítulo sete de Lucas com a figura de Maria Madalena. De fato, se Lucas assim o quisesse, teria o feito explicitamente.

a) Pecadora Arrependida (Lc 7,36-50)

A narrativa da pecadora é situada, possivelmente, em uma cidade da Judeia chamada Naim (cf. Lc 7,11). Tendo Jesus sido convidado para uma refeição na casa de um fariseu, uma mulher pecadora da cidade se põe aos pés de Jesus, lavando-os com suas lágrimas, enxugando-os com seus cabelos e unguendo-os com perfume (cf. Lc 7,37-38). A narrativa apenas informa, por intermédio do pensamento do fariseu, que tal mulher é uma pecadora [pública?] (cf. Lc 7,39). Segundo a narrativa lucana, essa mulher é de Naim, da Judeia, e se trata de uma pecadora. Além disso, desconhece-se totalmente o seu nome. Diante desses dados, torna-se impossível identificá-la com Maria Madalena, pois essa é de Magdala, uma cidade da Galileia. Leva-se em conta ainda que, na sequência, Lucas trata de um grupo de mulheres seguidoras de Jesus, dentre as quais está Maria Madalena, que o Evangelista afirma que era uma possessa, da qual Jesus havia expulsado sete demônios, e que este grupo de mulheres auxiliavam Jesus com os seus bens (cf. Lc 8,1-3). Portanto, não se pode identificar Maria Madalena com a pecadora arrependida de Lc 7.²⁰

¹⁸ Cf. DE FRAINE, J. Maria. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 951-952.

¹⁹ Cf. SMALLEY, S.S. Maria. In: *Grande Enciclopedia Illustrata della Bibbia*. Torino: Piemme, 1997. vol.2, p. 327.

²⁰ Cf. *Ibidem*, p. 327.

b) Maria, irmã de Marta e Lázaro (Jo 12)

A narrativa joanina descreve a unção dos pés de Jesus por Maria, irmã de Marta e de Lázaro. Jesus se encontra na casa dos três irmãos, onde habitualmente pernoitava quando se encontrava em Jerusalém. Durante um desses momentos à casa dos irmãos, Maria unge os pés de Jesus com um perfume de bálsamo muito precioso (cf. Jo 12). Nesse caso, quem unge é Maria de Betânia e nenhuma condição de pecado é atribuída a ela nos Evangelhos. Aliás, é descrita por Jesus como aquela que escolheu a melhor parte (cf. Lc 10,38-42). Também neste caso, segundo Smalley²¹, não é possível identificar Maria Madalena, que é de Magdala, na Galileia, com Maria, irmã de Marta e Lázaro, que são de Betânia, na Judeia.

c) Mulher Adúltera (Jo 7,53-8,11)

A narrativa da Mulher Adúltera descreve uma mulher surpreendida em fragrante adultério e conduzida diante de Jesus no Templo de Jerusalém. Após o diálogo entre escribas e fariseus com Jesus, aqueles vão embora e abandonam a mulher diante de Jesus. Segue um breve diálogo entre a adúltera e Jesus, no qual ele a perdoa e a despede, recomendando não cair novamente em pecado. Novamente aqui, não é possível identificar a adúltera com Maria Madalena, pois a mulher em questão é de Jerusalém, portanto, da Judeia, e Maria Madalena é de Magdala e da Galileia. A mulher em questão é adúltera e, após o perdão, é mandada embora por Jesus, enquanto Maria Madalena foi exorcizada e seguia Jesus, auxiliando-o com outras mulheres.

d) Evangelho de Maria Madalena

O texto apócrifo de Maria Madalena, encontrado na biblioteca de Nag Hamadi, é um texto gnóstico do século IV d.C. A Biblioteca de Nag Hamadi, descoberta em 1945, é composta por manuscritos em papiro do século IV d.C. e consiste em 12 códices, oito páginas de um décimo terceiro e 52 tratados separados. Por causa das duplicações, há 45 títulos separados. Em razão de a

²¹ Cf. Ibiem, p. 327.

maioria dos tratados da biblioteca derivar de grupos helenistas, atualmente chamados de gnósticos, e sobreviver nas traduções coptas, ela ficou conhecida como a Biblioteca Gnóstica Copta.²²

O Evangelho de Maria (BG 8502,1) pode ser dividido em duas partes. A primeira seção (7,1-9,24) descreve o diálogo entre o Salvador (já ascendido) e os discípulos, e a segunda seção (10,1-23; 15,1-19,2) contém uma descrição de Maria sobre uma revelação em especial dada a ela pelo Salvador. O texto existente é altamente fragmentário, o que deixa lacunas sobre partes da narrativa. Na primeira parte, o Salvador argumenta que o pecado não é uma categoria moral, mas, sim, cosmológica, ou seja, é resultado da matéria com o espírito. Esse pecado evoca diretamente o pecado dos “anjos” com as mulheres no Livro dos Gênesis (cf. Gn 6,1-4). Essa mistura de natureza deu margem para diversas obras apócrifas, como por exemplo, o Livro dos Vigilantes do séc. V a.C., e pertence a primeira fase da Apocalíptica Judaica (até 200 a.C.). A literatura apócrifa não apenas descreve a mistura de natureza (humana/angélica), mas que, enquanto os anjos se envolviam com as mulheres, aqueles narraram coisas ocultas do céu e estas contaram tais mistérios (cf. Livro dos Vigilantes).

No caso do Evangelho de Maria, o hagiógrafo aproxima a ideia, criando uma relação entre Maria Madalena e Jesus e que Jesus narrou, após a ressurreição, mistérios ocultos do céu. Contudo, a ideia do ressuscitado aparecer para alguns personagens e contar mistérios ocultos também aparece em outros apócrifos como no Protenoia Trimorfa e o Apócrifo de João. No caso desse último, o discípulo Amado é descrito como o discípulo predileto e que, após a ressurreição Jesus, teria contado apenas para ele mistérios ocultos do céu.

A comunidade gnóstica, que ficará conhecida nos círculos cristãos como setianos, pois esses reivindicavam filiação direta de Set e, não, de Caim, considerando-se os puros, vivia um problema sobre questão de autoridade, pois, no Apócrifo de João, o Discípulo Amado é o preferido e, a ele, o Ressuscitado narrará coisas ocultas do céu. No Evangelho de Judas (descoberto em 1970 em

²² Cf. ROBINSON, J.M. *A Biblioteca de Nag Hammadi*. São Paulo: Madras. 2014. p. 9.

El Minya-Egito), é descrito Judas Iscariotes como o principal dos discípulos. Todos esses textos apócrifos estão querendo deslocar a primazia de Pedro no colégio Apostólico, situando um ou outra figura. No caso de Evangelho de Maria, entra em jogo, também, a posição da mulher na comunidade cristã primitiva, principalmente depois das sequelas deixadas pela Heresia Montanista, que resultara no fim do ministério profético e do diaconato feminino.

Esse Evangelho apócrifo serviu de base para Jean-Michel Thibaux²³. As obras deste autor parecem ter servido de inspiração para Dan Brown na elaboração do Código da Vinci.

O Evangelho de Maria é, na realidade, uma obra especulativa que tenta fundamentar interesses de uma determinada linha de pensamento gnóstico da região do Egito do final do século II ao IV d.C.

Conclusão

Analisar a figura de Maria Madalena no Quarto Evangelho exigiu percorrer também os demais Evangelhos, a fim de construir a verdadeira identidade dessa mulher descrita na história de modo totalmente equivocado.

Como se pode observar, não é possível identificar Maria Madalena com nenhuma das situações com que, por séculos, a designaram. Maria Madalena pode ser chamada de adúltera? Não! Pode ser chamada de pecadora arrependida? Não! Maria Madalena pode ser descrita lavando os pés de Jesus? Não! Portanto, o que se pode dizer a respeito de Maria Madalena? Pode-se dizer que ela era uma mulher da cidade de Magdala, da qual fora exorcizada sete demônios e, após isso, tornou-se discípula de Jesus, acompanhando-o junto das outras mulheres e auxiliando-o com seus bens. Esse último fato também a coloca em uma situação economicamente relevante. Quanto ao quadro de possessão, coloca-a entre aqueles/as que foram curados. Contudo, não os enquadra em situação de pecadores, mas de pessoas afligidas, que encontravam graça diante do Senhor.

²³ Cf. THIBAUX, J.M. *Les Tentations de l'Abbè Saunières*. Paris: Editions France Loisirs, 1986.

Particularmente no Quarto Evangelho, Maria Madalena aparece aos pés da cruz junto da Mãe do Senhor e irmã dessa e o Discípulo Amado. O foco da narrativa está claramente na Mãe e no Discípulo Amado. Maria Madalena é apenas descrita como uma das personagens a compor a cena. Na narrativa da ressurreição, ela é descrita indo sozinha, quando ainda está escuro, para chorar o luto. Duas cenas são dedicadas a ela. A primeira apenas descreve a incredulidade dela ao ver a pedra removida e o túmulo vazio. A segunda é o retorno ao túmulo, após ter ido contar para os discípulos o ocorrido, para chorar o luto e o fato do corpo ter sido removido, segundo sua concepção, o que desencadeia o encontro com os anjos e, em seguida, com o Ressuscitado.

Qual a importância de Maria Madalena para o autor do Quarto Evangelho? Ela é modelo daqueles que creem como testemunhas oculares, ou seja, creram porque viram.

A Mãe do Senhor havia sido descrita como modelo de fidelidade à Lei, sendo capaz de reconhecer o Filho. A Samaritana surge como modelo daqueles que creem porque escutaram e creram. Marta é modelo daqueles que creem porque afirmou a fé na ressurreição. Maria Madalena é modelo de fidelidade porque escutou a voz do Ressuscitado e nele creu.

No conjunto dos quatro Evangelhos, conclui-se que Maria Madalena era proveniente da cidade de Magdala, na região da Galileia, uma mulher que fora exorcizada pelo Senhor, da qual saíra sete demônios. Os Evangelhos também deixar transparecer que se trata de uma mulher que possuía posses, permitindo, junto com outras mulheres nobres, auxiliarem Jesus com seus bens.

Ela é sempre descrita como discípula seguidora junto de outras mulheres. Nenhum trato de particularidade afetiva é dado pelos Evangelhos entre Jesus e Maria Madalena. Textos como o Evangelho de Maria surgem com interesses gnósticos, posteriores ao final do segundo século, mas sem nenhuma base histórica, apenas especulativa. Portanto, quem é Maria Madalena? Uma distinta mulher, fiel discípula seguidora do Senhor, que deixa o legado de ter sido a primeira a ver o Ressuscitado e anunciá-lo e, pela sua fé, se torna irmã dos discípulos de Jesus, segundo a promessa do Prólogo Joanino (cf. 1,12).

Bibliografia

- BARRET, C.K. *El Evangelio segùn Juan*. Madri: Ediciones Cristiandad, 2003.
- BEUTLER, J. *Evangelho segundo João*. Comentário. São Paulo: Loyola, 2016.
- DE FRAINE, J. “Maria”. In: VAN DEN BORN A. (org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- LÉON-DOFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18-21*. Salamanca: Editora Sigueme, 2001. vol. IV
- REINAER, R. Magdala. In: PRATO G.L. (org.). *Enciclopedia Illustrata della Bibbia*. Torino: Piemme, 1997. vol. 2.
- ROBINSON J.M. *A Biblioteca de Nag Hammadi*. São Paulo: Madras, 2014.
- SCHNACKENBURG, R. *Il Vangelo di Giovanni*. Brescia: Paideia Editrice, 1981. vol. 3.
- SIMOENS, Y. *Évangile selon Jean*. Paris: Éditions Faculté Jésumes de Paris, 2016.
- SMALLEY, S.S. “Maria”. In: PRATO G.L. (org.). *Grande Enciclopedia Illustrata della Bibbia*. Torino: Piemme, 1997. vol. 2.
- ZUMSTEIN, J. *Il Vangelo secondo Giovanni*. Torino: Claudiana, 2017. vol. 2: 13,1-21,25.
- THIBAU, J.M. *Les Tentations de l'Abbè Saunières*. Paris: Editions France Loisirs, 1986.

Recebido em: 07/05/2019

Aprovado em: 07/06/2019